

PAIXÕES EM ANÁLISE

Marcus André Vieira

V – OS LIMITES DO ÓDIO[♦]

Mediocritas ambivalência

Para nosso ponto de partida, assumindo que o ódio, assim como o amor, é um universo infinito, escolhi a noção de “ambivalência”.¹

A psicologia ambiente exige que se tome o ódio em uma balança com o amor, como se fossem duas metades opostas da laranja, ou duas faces da mesma moeda. Por isso o destino célebre do termo “ambivalência”. A noção atual de ambivalência surge de um efeito iatrogênico da psicanálise ou do psicanalismo que faz com que se acredite existir de um lado o amor e de outro o ódio, mas que onde houver um, haverá também o outro.

Assim situada, a ambivalência é uma forma de neutralização da força dessas paixões. Se amo e odeio sempre, então devo buscar o caminho do meio, o que leva a assumir uma ética do meio termo. É a *Aurea mediocritas*, dos epicuristas e de Horácio. O termo *mediocritas*, na nossa língua já mostra o quanto pode dizer aplastramento em vez de sabedoria.

É bem verdade que Freud fala em Eros e Tânatos como dois princípios permanentemente presentes em todas as ações humanas, no estilo *yin* e *yang*. Certo, eles têm íntimas conexões, mas Freud fez tudo menos esmaecer a potência demoníaca destas paixões na balança *zen* da ambivalência. Ao contrário, aproveitou-se da força de cada um, em sua especificidade, para descrever como se fundamenta o trabalho da transferência.

É explícito por Freud em seu texto “Pulsões e destinos das pulsões” que o ódio e o amor “não têm entre si uma relação simples. Não surgiram da mesma origem, nem estão no mesmo lugar e seguem caminhos distintos”.² Então, se esquecemos disso é porque quisemos superpor Eros e Tânatos a ódio e amor. Mas há diferença entre eles. Talvez seja possível, em se tratando de Eros e Tânatos, da pulsão de vida e da pulsão de morte, aproximar o modo como elas nos mobilizam ao estilo búdico do Ying e do Yang. Porém, quando se trata de paixão, certamente as coisas não são assim.

Façamos a diferença entre o plano das pulsões e o plano dos afetos ou das paixões. As paixões existem, as pulsões não. Não existem porque não temos um objeto pulsão para o qual olhar. Ela é invisível, é outra maneira de dizer. Mas o que é invisível existe ou não? Depende, mas de qualquer maneira, podemos dizer que as pulsões não estão no mesmo plano de existência que as paixões.

As pulsões são duas, mas também uma. É a pulsão, como vida que nos movimenta, que se inscreve como produzindo agregados (pulsão de vida) ou desfazendo-os (pulsão de morte). Em ambos os casos é este excesso que nos habita e que Lacan chamou de gozo. No plano das paixões, porém, não são “dois em um”, são sempre dois, o amor e o ódio não são dois aspectos da mesma coisa, mas sim duas coisas completamente diferentes. Isso não impede que sejam vividas no mesmo instante. Que a ambivalência passional seja entendida, então, apenas no sentido do que este termo assinala na psiquiatria a vivência psicótica, do esquizofrênico que pode odeia e ama no mesmo lugar, sem que uma coisa tenha a ver com a outra. Não é à toa que Freud neste momento se refira a Bleuler.³

[♦] Curso livre do ICP-RJ, ministrado na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, lição de 5 de agosto de 2010. Transcrição, edição inicial e pesquisa de referências por Anna Luiza Almeida e Silva.

Então eles podem até se apresentar no mesmo momento, ou sucederem-se um a outro, mas têm origens distintas e seguem caminhos diferentes. Isso significa que no plano do fenômeno afetivo, eles podem estar no mesmo plano, mas do ponto de vista da estrutura, de sua função e localização no aparato psíquico, suas posições são muito distintas. Há uma dissimetria essencial entre ódio e amor. Qual seria então a diferença?

O tédio da origem

Neste sentido a orientação de Freud é bastante conhecida: “na relação com os objetos o ódio é mais antigo que o amor”.⁴ O *objetal*, aqui, indica o que acabo de chamar de estrutura, já que o aparato psíquico existe no Outro, na vida de relação. Então vamos dedicar nossa atenção ao “mais antigo”.

Para começar vamos descartar sem nem discutir, já o fizemos aqui, o primitivismo da teoria evolutiva, como se essa anterioridade indicasse que o ódio é mais animal e o amor mais elevado, mais perto de Deus. Isso posto, parece haver uma anterioridade lógica, como se o ódio estivesse mais próximo das coisas primeiras, das origens.

O que seriam as origens? Onde estaria a coisa original? Se alguma coisa Freud situa no originário, ele a chama de narcisismo primário, ou ainda de auto-erotismo.⁵ Só que, por definição, diremos que lá não há afeto. É simples: o narcisismo primário, assim como as pulsões, não existe, é uma postulação e como o afeto faz parte do que é, aqui e agora e concretamente, esses momentos míticos da existência não são vividos como afetos.

Freud, diz nesse texto que as paixões são sempre do *ego-total*, que contrapõe ao *ego original* que viveria o bem estar do útero, banhado no auto-erotismo. Só que este “ego realidade original” como diz Freud, nada tem a ver conosco. O ego original vive a beatitude mítica, a satisfação total, mas nós, aqui, vivemos o amor e o ódio de todo dia. Por quê ego-total? Remeto vocês a meus comentários sobre o imaginário. Os afetos são sempre “totais” no sentido de serem sempre vividos no aqui e agora do corpo, no imaginário como tudo o que faz sentido, tem começo-meio-e-fim, é *totalizável*. Os afetos são vividos em nossa área iluminada, no campo do que é redondo, totalizado, pão-pão-queijo-queijo, é assim que entendo o total. Nós somos um ego-total, mais um ego descompletador, inconsciente.⁶

A objeção poderia ser: mas porque se dar tanto trabalho conceitual com estas origens se são apenas mitos? Ora, porque é necessário pensar que existiu alguma vez um útero, já que todos imaginam o tempo todo “como seria bom voltar ao útero da mãe”. Escolho o órgão para dar o máximo de concretude e o mínimo de divindade ao que outros nomeariam de paraíso perdido ou éden.

O importante é lembrar que não é porque todos sonham com um útero que o útero existe. Melhor dizendo, ele existe, só que como miragem reguladora. É essa a ideia de Lacan sobre narcisismo primário e auto-erotismo: são miragens reguladoras ou, em outros termos, postulados. É necessário lidar com isso na análise dos outros, porque eles vivem a crença nisso. Então, Freud precisou defini-los, só que como elementos necessários à abordagem do aparato psíquico e não como coisas do mundo. Não é nestes termos que o diz, mas quando define a satisfação como sempre uma segunda experiência, porque na primeira eu ainda não tinha as lentes necessárias (a imagem mnêmica) para vivê-la, demonstra o quanto a satisfação absoluta fica fora da constituição subjetiva, a ao mesmo tempo a parasita de dentro, como um “próton pseudos”, como ele se refere a ela no “Projeto para uma psicologia científica”.⁷

O auto-erotismo faz parte de nossas vidas como mais um dos incorporais que nos organizam e norteiam, não como fase ou acontecimento histórico, nem na vida de cada um, nem na vida da raça. Por isso, para Freud não há paixão do paraíso. A ideia da beatitude ou do paraíso mítico têm efeitos afetivos em nós, mas são de outro tipo. Se a ideia de um narcisismo original tem alguma tradução corporal, ela nada tem a ver com a paz das endorfinas. Essa dura pouco e tem mais a ver com idéia da missão cumprida ou da malhação bem feita. Nem a química, da morfina, que tem a ver com a de

uma saída pacífica do mundo. O afeto que acompanha a idéia de beatitude, dos anjinhos na alvura celeste, todos sabem qual é, é o tédio.

É o termo lacaniano, em “Televisão”, para traduzir o que seria, no corpo a paixão de uma beatitude etérea.⁸ Outro nome freudiano para o tédio é a indiferença, uma incomensurável indiferença. Freud fala que, no início, é a indiferença. Ele não fala em termos afetivos, não se trata da indiferença como afeto, mas de uma ausência de afeto, dada a indiferenciação entre mãe e bebê.⁹

Todo mundo sabe que o céu é um tédio. É claríssimo, mas continuamos a achar que o gozo absoluto, a paixão do paraíso, seria uma delícia. Talvez, mas só se fossemos capazes de deixar de ser o que somos e nos tornássemos esse ego-original, anjos. Em nossas vidas, é outra coisa, nada mais infernal do que uma sucessão de belos dias! A felicidade possível para nós, segundo Freud em *Mal-estar na civilização*, terá que ser uma montagem, que agencia vários tipos de movimentos, nos quais o ódio tem lugar obrigatório. É o que define citando Heine: “Que Deus me dê a possibilidade de viver muito para que eu possa ter uma casa linda no campo, um belo jardim com um grande carvalho em frente à minha janela de onde eu possa ver meus inimigos enforcados”.¹⁰

Rival

Como situar, então, essa anterioridade do ódio com relação ao amor? A primeira ideia seria buscar essa diferença com relação à imagem do outro. No primeiro quero me fundir com o parceiro, no segundo destruí-lo. No amor: “eu e ele somos Um”. No ódio: “ou eu, ou ele, só pode haver um”. No entanto, já vimos que esse é apenas o aspecto imaginário do amor e do ódio, como paixões, por definição, eles não se reduzem a isso.

Além disso, se quisermos bem caracterizar o ódio distinguindo-o das emoções, melhor compará-lo à outras do mesmo campo, como por exemplo a inveja, essa sim, feita de cabo a rabo de rivalidade especular. Ou ainda ao ciúme, que não mais se concentra nos dois do espelho, mas acrescenta um na conta, já que precisa de ao menos três para ser desencadeado. Apesar disso, o ciúme, onde a rivalidade ainda é o essencial na disputa pelo ser amado, continua centrado na relação especular.

Lacan dá lugar a mais dois afetos que se situariam em um ponto intermediário entre emoção e paixão, entre a inveja e o ciúme, de um lado, e o ódio do outro. São a raiva e a cólera.

Lacan define a cólera como aquilo que nos afeta quando “os pininhos não entram nos buraquinhos”, ou ainda “quando o Outro da boa fé não joga o jogo”.¹¹ Em outros termos, é quando a conexão prevista não acontece, quando você tem vontade de chutar o computador. É o que sentimos quando o funcionário vira-se e diz: “nada posso fazer pelo senhor porque o sistema caiu”. É menos evidente o eixo imaginário. Há um parceiro bem delimitado e ele não tem a tal particularidade opaca da paixão. Só que encarna a lei e a ordem, encarna a ordenação da vida. Apesar disso, o sistema está perfeitamente encarnado nele, inclusive, quando a cólera se desencadeia com o computador, tendemos a imaginar ali um homenzinho, sempre há alguém ou algo para agredir.

A raiva será definida por Lacan a partir do conto “A carta roubada” de Poe¹² e sempre articulada ao feminino. A raiva se endereça à burrice do Outro, que também não está necessariamente contida no Outro especular. A burrice dele qual é? É que ele só pensa no plano do pão-pão queijo-queijo.

A situação típica é quando a mulher perde a cabeça porque o homem foi, de novo, burro. Esse é o casal perfeito. Eles têm uma briga, ele quer mostrar para ela o quanto ela está equivocada, e mostra. Faz uma tese, escreve um email enorme, e ela não lê. Ele fica enlouquecido de cólera e ela de raiva. Ela não lê porque sabe que não vai ter nada naquele email do que vai ser importante no real, só aquilo que ele acha que é importante, dentro do sistema das ideias. O que importa para ela não está no sistema das ideias e isso ele é incapaz de ver. Esse casamento do obsessivo com a histérica é o que de melhor temos em termos de relação. A gente pode ver pelo lado bom, divertido. De todo modo, a cólera e a raiva são ainda emoções, não uma paixão como o ódio, que vai além. O ódio, ao contrário da raiva e da cólera, se define por ter um objeto, na essência, vazio e que, por isso, pode ao menos em parte prescindir do plano da relação entre dois.

A agressividade, no homem, tem algo de excessivo, desregrado, passional, que extrapola o Imaginário. É muito difícil lidar com este radical do homem e por isso existe uma tendência a reduzir sua agressividade à imaginária, animal, social, razoável. Por isso, Lacan marca no texto sobre a agressividade¹³, nos *Escritos*, que existe um aspecto da agressividade imaginário, da rivalidade como emoção, seguindo nossa terminologia, mas que o fenômeno no homem tem seu alicerce em algo fora do sentido e não neste plano. O mesmo é válido para a pulsão de morte. Existe uma superposição na literatura analítica entre ódio, agressividade e pulsão de morte todos colocados na mesma linha. No entanto, a pulsão de morte fala de algo muito além da agressividade imaginária. Se em algum lugar devemos situar o ódio é como intermediário nesta linha.

Aproximamo-nos do ódio como paixão quando ultrapassamos o plano do estímulo-resposta, causa-efeito, ação-consequência. É algo além: o mal que você fez merece reparação para além do pagamento. Lacan diz que o ódio é uma carreira sem limites, porque o ódio visa uma particularidade no ser odiado que é além dele mesmo¹⁴.

No entanto, ainda não conseguimos distinguir o ódio do amor. Definimos, com Lacan, três paixões fundamentais, amor, ódio e ignorância. Apesar de distingui-las, essa definição de Lacan nos permite pensá-las a partir de um ponto comum, como caminhos distintos para a pulsão, modos de escoá-la que, diferentemente das emoções, deixavam, os três no horizonte, um indizível que nos leva além. Neste sentido tanto o ódio quanto o amor visam um além, ou aquém, do parceiro. Mas assim fazendo, estamos borrando as enormes diferenças entre eles, inclusive do ponto de vista da estrutura.

A anterioridade do ódio

Não é pelo imaginário, portanto, que Freud distingue a especificidade do ódio, mas sim pela anterioridade desse vazio no coração do parceiro da paixão, com relação ao do amor e o da ignorância.

O ódio é anterior porque, como postula Freud no texto “a Negação”¹⁵, primeiro é preciso expulsar alguma coisa para que aquilo que a expulsou possa se constituir retroativamente como sendo aquele que algo expulsou. Primeiro algo “do mal” saiu e nisso, algo de si, passou a existir. É bem diferente da filosofia tradicional, que primeiro supõe que haja existência para que a seguir possa haver juízos de valor. Para ela primeiro sou, depois tomo consciência de que alguns objetos são prazer, outros, desprazer. Com Freud é diferente. Primeiro algo é ruim, depois sou.

Nascemos no signo da violência. É isso que Freud está dizendo. O ódio marca essa espécie de ponto original. No fundo, Freud não está dizendo nada diferente do que todo mundo já sabe: quem critica tem sempre razão. Sempre que eu disser ‘isso não’, tendo a ser ouvido como falando uma verdade; quando digo ‘isso sim’ talvez esteja dizendo a verdade, talvez não. Se você quer ser escutado, fale mal de alguém; quer ter poder, diga não, quer parecer que tem segurança, critique. Experimente elogiar, falar sim e dizer ‘yes man’. Até mesmo o fraco filme de Jim Carrey, o demonstra: você não consegue assumir a mesma força ou certeza.

O que é a vivência do amor? Eu me confundo com o Outro. É difícil dizer quem é e quem não é. Com o ódio, certamente não é esse. O amor se articula com a imagem do Outro, mas por visar, nela, uma particularidade opaca, leva à sua dissolução. O ódio visa diretamente o além da imagem, “se dirige ao ser” como diz Lacan e por isso está mais articulado ao real.¹⁶

Então, o amor também é uma experiência de limite, mas quando nos leva até o final, nos leva a uma dissolução: já não sei mais o que é o que não é. O ódio visa àquilo que sustenta a imagem do Outro, mas apenas como invisível. Por isso ele implica na destruição dessa imagem. No entanto, no mesmo movimento, institui outra a partir do que destaca deste real original. Por isso o ódio também pode ser uma carreira sem limites, pois produz uma imagem que é preciso também erradicar.

Dessa forma, estranhas consequências, o amor não institui, o ódio, sim. É o ódio que funda, não o amor. Aqui, não falamos de ódio do tipo ‘tenho raiva de você’. , mas de um ódio, como diz Lacan, que “se dirige ao ser”.

Só somos algo com a morte de alguma coisa, uma perda. Neste sentido, nosso ser é feito de um não. Nos termos que estou trazendo hoje, o amor se sustenta na ideia da fusão, do narcisismo originário, mítico, mas “na prática” é atrelado a uma particularidade gozosa que lhe dá seu aspecto passional. O ódio é anterior por visar o exato ponto em que surge essa ilusão, retroativa.

O que Lacan faz no *Seminário I* é limpar o terreno do aparente historicismo freudiano, afastar os mitos de origem. Ele supõe que na linguagem, para falarmos, temos que às vezes lidar com significantes sob o modo do não ser, tal como o *ceci n’est pas une pipe* de Magritte; outras vezes temos que acolher um significante como se ele dissesse o real, finalmente, às vezes tomamos um por outro. Pois bem, como um significante não pode dizer o real integralmente, quando eu o recusar estarei instituindo outro e quando eu aceitá-lo, estarei em plena ambiguidade (ele diz que “o amor é sob o signo da ambiguidade”) e quando eu tomar um por outro terei uma significação. As três paixões da transferência são três vias pelas quais o real se inscreve na linguagem: como erro, o que institui uma existência, como ambiguidade, que constitui uma fusão, e como engano, que delimita um sentido.¹⁷

Na análise

Partamos dessas indicações bem gerais para examinarmos figuras particulares do amor e do ódio. Na análise, eles têm duas grandes figuras de orientação: a histérica para o amor; e o obsessivo para o ódio. Cada um vive sua paixão na transferência de modo paradigmático. A histérica, o amor ao Pai, e o obsessivo, a o ódio da suspeita.

Já falamos do amor pelo pai. Resumo. Para a histérica, há uma troca na análise: em vez do amor levar ao gozo, ao encontro carnal à dissolução e recomposição amorosa, seu amor pelo pai leva a uma troca. Aquele que chega pelo amor ao pai supõe poder obter alguma coisa que não será gozo, mas sim um conhecimento sobre seu sintoma. É a estrutura da situação clássica (do obsessivo e da histérica, vamos falar sempre da neurose clássica, da qual nós ainda somos partidários em geral, mesmo que não mais como antigamente). Nessa troca a histérica sai, não com um conhecimento, mas com um saber, as marcas do Outro sobre si que a ensinam sobre seu gozo, mais ao modo de um soletrar, do que de um sentido. E quanto ao ódio?

A primeira coisa que salta aos olhos é que o ódio não é tão presente na análise como sua importância lógica deixaria imaginar. O habitual é que seja mais o amor, a ponto dele ser quase sinônimo de transferência. Quando é ódio dizemos, seguindo Freud, que é um caso especial de transferência, dita “negativa”.

O negativo da transferência na análise é situado por Freud a partir do ódio obsessivo, que não é um ódio no sentido da emoção. Não é explicitamente violento, não no plano do semelhante violento. Não é que não haja ódio, mas é que este ódio, para começar não é o ódio da destruição do semelhante, da rivalidade. Dessa forma, já chegamos à paixão do ódio pelo que ela tem de estrutural, como ligada a um ponto cego e não ao semelhante. Esse ódio se apresenta na análise como velado, como transferência negativa, encontrada aqui e ali, em pequenos detalhes.

É o que faz com que J. A. Miller destaque a apresentação concreta na análise deste aspecto estrutural nem mesmo como um afeto, mas como uma disposição à *suspeita*. Fica claro quando retomamos as expressões que Lacan usa para marcar a transferência positiva e a negativa. São duas expressões em francês que se traduzem como “ver com bons olhos” [*avoir à la bonne*] e “estou de olho em você” [*avoir à l’oeil*] e que infelizmente a versão brasileira perde.¹⁸ Na primeira, tudo o que o analista disser ou fizer depará a favor dele. A segunda não é o inverso, não é “tudo o que ele fizer será negativo”, mas sim que algo perigoso está por ali, nele. “De olho em você” pouco tem a ver com bater, destruir.

Por isso, quando a transferência negativa leva ao ato, muitas vezes é como uma ruptura de contrato mais do que como uma ação violenta. Já é uma indicação de que o que estamos chamando de ódio num certo sentido não é ódio. Há o ódio da estrutura, que tem uma relação com a destruição e que estamos buscando designar aqui. Ele é anterior e onipresente, Miller chega a localizá-lo em cada início da análise, pois ele é a resposta ao fato de que o neurótico ama seu sintoma como a si mesmo e que é obrigado a ceder de uma parte do gozo do sintoma para dar início a análise. O analista paga com o ódio do analisante o preço de sustentar a imagem daquilo que é o real para ele.¹⁹ O obsessivo nos exige levar a sério o ódio na estrutura, como paixão de uma origem pela violência, sem, no entanto, que isso se encarne necessariamente em sentimentos violentos.

Suspeita e demanda

Lacan, a partir de Freud, compara o obsessivo com a histérica.²⁰ A histérica teve um trauma no passado. Nos termos de Lacan, ela está às voltas com o que o gozo do Outro deixou como sequelas, marcas. Mas ela não chega ao analista necessariamente dizendo que gozaram dela. Ao contrário, ela vive uma vida em que ninguém goza. Uma vez o recalque em ação há uma negativização do gozo do Outro. Não encontramos muito gozo, nem mesmo nas histéricas de hoje. Elas podem estar às voltas com muito sexo, mas será sempre com aparente deserto de gozo. É sempre uma situação de impotência, de impossibilidade, de que não funciona, de que é preciso sair dali e buscar solução, de que sempre haverá alguém em algum lugar que conhece o segredo e que vai resolver a impotência generalizada onde ela se encontra. E não é apenas o sujeito, mas também o Outro que não goza, ele é impotente.

Já o obsessivo, apesar de também ter um trauma no passado, o gozo ali é dele. O problema do obsessivo é que ele gozou demais. Ele amassou uma lagartixa, tocou na mãe quando não podia, aquela coisa que ele carrega como uma espécie de culpa sem conseguir definir o que é. A coisa não simplesmente se inverte com o obsessivo. Lá no início não há ausência de gozo, nem, diferentemente da histérica, agora. O recalque inverte seu lugar apenas. Há gozo por todo lado. Meu chefe me maltrata, me faz mal, em todo lugar há é excesso de gozo, sujeira por todo lado, leis que não são respeitadas.

A definição que Lacan dará do obsessivo é que ele visa reduzir o desejo do Outro à demanda.²¹ Em ambos os casos há um excesso que traumatizou por ser fundador. Mas na histérica esse excesso é extraído do mundo, por isso ela pode buscar em cada demanda o desejo do Outro. Já para o obsessivo é o contrário, a demanda terá que ser continuamente esvaziada de desejo por um trabalho do sujeito.

No obsessivo a demanda já é uma forma de rebaixamento, pois ele está ligado ao gozo, ao desejo do Outro em si. Tudo o que ele quer é negativizar toda demanda, anulá-la esvaziá-la de gozo. Aqui a simetria procede, enquanto a histérica visa a injetar gozo em tudo sem sucesso, o obsessivo visa esvaziar o gozo de tudo sem sucesso.

O obsessivo, Lacan lembra, é aquele que pede permissão. É o que pede permissão para tudo, é o que demanda. É o que o tempo todo diz isso sim, aquilo não. É o que busca definir a vida, e reduzir isso da vida que não cabe às demandas. Se você cumprir sua parte e eu, a minha, está tudo certo. Se todos fizerem como deve ser feito, tudo funciona.

Esta é a maneira de Lacan retomar a formulação Freud de que o obsessivo funciona a partir de uma clivagem entre representação e afeto, que permite que a representação esteja disponível para ele enquanto que na histérica ela fica recalçada. Sim, porém, ele terá que lidar o tempo todo com o esvaziamento da representação, a demanda em termos lacanianos.

Proeza

O que o obsessivo faz com a demanda do Outro, quando demandam a ele? Cada demanda é vivida como uma demanda de gozo, e é preciso reduzi-lo, então reduzam-se as demandas. Mas como fazer com as demandas que se acumulam?

O exemplo mais atual, mais simples, são os emails. Todos temos emails, que chegam na caixa postal. Os emails são demandas, mesmo quando é *spam*. O equivalente nos velhos tempos seria a campainha do telefone que toca, alguma coisa que chega do Outro pedindo resposta. Como o obsessivo em nós lida com isso? Institui-se um movimento muito ambíguo. Ao mesmo tempo em que não posso ignorar a demanda, porque onde há a alteridade ao mesmo tempo eu preciso ou congelar essa demanda não respondendo ou destruir essa demanda. Acumulam-se os emails impossíveis de responder, porque a resposta tem que ser perfeita, a única coisa que zeraria a demanda.

Esse zerar a demanda é o fundamento do ódio. É preciso que não haja resto, é preciso que seja perfeito no sentido que seja redondo. Qual o comportamento obsessivo em relação à emails? Primeiro, eu não posso lidar com aquilo como uma coisa insignificante. Aquilo é uma demanda seríssima que, se não for anulada, posso me perder. Cada demanda é um perigo em potencial, e tem que ser tratada na medida perfeita, ou respondendo plenamente ou aniquilando. Só que não consigo aniquilar, esse é um trabalho que não vai acabar, senão acaba com a própria alteridade e acabar com a alteridade é acabar comigo mesmo. Por isso o obsessivo não apaga, porque apagá-lo é apagar o Outro. O obsessivo ideal responde a cada uma perfeitamente e guarda o registro de cada uma. Na prática ele procrastina, deixa acumular até virar a noite furiosamente respondendo a cada um, para finalmente, ter um minuto de paz. Isso é o que Lacan trata nesse seminário como a proeza. A proeza obsessiva é outra figura conhecida, que aqui represento como escalar o Everest de mails de uma caixa de entrada, mas que pode ser cruzar o Atlântico em uma casquinha de noz etc.²²

É um movimento difícil no obsessivo que faz com que o ódio não se apresente. Se apresentam apenas as respostas perfeitas, a procrastinação da resposta, a ruptura de contrato, o desaparecimento, as passagens ao ato.

O obsessivo é um ser demandado, e as demandas são tomadas como exigências de gozo. A mulher do obsessivo típico diz, 'pegue essa caixa de email e apague tudo, nem olhe'. E eventualmente ele o faz. Mas o ideal dele não é apagar tudo, o ideal dele é que não tivesse acumulado.

Um comentário sobre o ódio do obsessivo e a violência de hoje. O ódio de que a gente está falando é sem sentido. Ele não é movido pelo sentido das coisas, ele é movido por outra coisa, que a gente está chamando de gozo. Se o ódio é endereçado a alguma coisa que não está no sentido, ele não se entende. As crises que possam vir de ódio ou o excesso de trabalho para responder a um email, não fazem sentido, não são no terreno do compreensível. Essa é a complexidade e, ao mesmo tempo, o interessante da coisa. Hoje nós estamos numa situação exatamente de violência fora do sentido. É por isso que ela nos choca tanto. Não é uma violência calculável, não é uma violência imaginável. Tem qualquer coisa de uma violência que extrapola o sentido. Isso não quer dizer que na análise estamos lidando com a mesma coisa, mas a análise nos permite pensar isso um pouco mais.

Filho morto

A análise caminha com as palavras. Nessas palavras, histórias são contadas e essas histórias emocionam, secretam afetos, produzem experiências, coisas acontecem, mas elas vão seguindo paulatinamente em busca de algum segredo fundamental do Outro e ao mesmo tempo deixando atrás de si um rastro de uma estrutura, de um estilo.

E aí se desenha uma figura do gozo do Outro. Porque está se chegando ao trauma fundamental, ou à cena primária. E o segredo dessa história é que o gozo do Outro é um limite, sempre. Sempre se busca o gozo para si, mas sempre se está ameaçado pelo gozo do Outro. O que eu vou encontrar em algum lugar lá no final é que eu gozo, não o Outro. Porque é isso que era o começo. Aquilo que o

Freud desenha lá no passado a gente vai encontrar no final. Não aconteceu no passado, é uma estrutura, um jeito de viver. O único jeito de viver histórico é achando que foi violentado em algum lugar, não tem outro jeito. Tem uma maneira de viver que diz 'eu fui estragado por alguma coisa que aconteceu'. Não há maneira de imaginar um final a não ser se encontrando com isso: o estrago fundamental. É isso que Freud chama de cena primária, uma construção muito singular de alguma coisa que foi a sua vivência do estrago que o Outro fez com você.

O obsessivo, quando chega lá, não encontra o estrago do Outro. Ele encontra alguma coisa profundamente ambígua. Um Outro violento e, ao mesmo tempo, um gozo dele sendo violentado pelo Outro. E isso é que é a parte mais dura. Não ele como vítima passiva da violência, mas ele engendrando quase toda a cena como vítima do seu gozo.

O que fazer com isso? Momento duro, difícil, sofrido de se imaginar se identificando com esse resto que ele acabou de encontrar. A saída aí é uma saída delicada, depressiva, envergonhada. 'Descobri que objeto sou no desejo do Outro', seriam os termos lacanianos para dizer.

Existe um tempo que é que a análise reduz o sujeito ao que ele é na fantasia, e essa redução gera um impasse na identificação: 'eu não posso ser isso, eu não sou isso. Eu sou aquele que luta contra tudo, eu sou o redentor disso tudo, foi assim que eu me construí'. E, de repente chego num ponto assim. Então é preciso uma saída. O que eu posso dar hoje, o segredo não é 'eu vou me libertar disso'. O segredo é que isso é o limite. Não tem um outro gozo para além. Isso é o que estipula o meu gozo, o que não quer dizer que eu vou ser esse objeto da fantasia do Outro.²³

Com o obsessivo, se não fazemos a distinção conhecimento e saber, ou semblante e traço que propus quanto ao amor, estamos lascados. Pois se há alguma pacificação do lado do obsessivo é pela demanda como traço, a marca do desejo do Outro fora do sentido. A marca na histérica assinala a falta de gozo. No obsessivo o excesso. No entanto, enquanto o amor lida com as marcas como suportes de um sentido maior, de inclusão e completude, o ódio lida com elas como signo de gozo, fora do sentido e todo sentido é vivido como enganador. Por isso o ódio, no dizer de Lacan é mais lúcido. Porque visa algo para além das imagens e lida com a letra mais do que com o semblante.²⁴

Um exemplo, os sonhos de violência ou mesmo as fantasias sádicas do obsessivo. Elas são tratadas na análise em sua relação com o saber, com a figura de saber que é o Pai para Freud, por exemplo. Para Lacan, o Pai é só um caminho para que o sujeito adquira algum modo de articulação entre o gozo do outro e um traço, uma letra. Dada esta localização, os sonhos desaparecem pois um tanto do gozo atrelado ao sentido da violência fantasmática torna-se disponível.

No final, o sujeito se encontra com algo parecido com o que o pai encontra no sonho do filho morto, em que ele vê o filho pegando fogo²⁵. Esse é um sonho tornado paradigmático por Lacan no *Seminário XI*, é um exemplo de um sonho absurdo em que a criança está no caixão no quarto ao lado, o sujeito vai dormir, a vela cai, e ele sonha que o filho está em chamas dizendo 'pai, não vês que queimo?'. Ele acorda e o filho está pegando fogo mesmo. Para Lacan, isso só serve para dizer que o sujeito se encontra exatamente com o horror mais horror e que ao mesmo tempo é a verdade dele. Nessa hora, ele não está pensando no filho morrendo. Ele está pensando no quanto esse filho era o gozo dele colocado no Outro e como isso era uma coisa que o fazia viver e ao mesmo tempo era insuportável pensar que esse filho goza, e não ele. Ao mesmo tempo isso é que era a vida dele, cuidar desse filho.

Algo da verdade do gozo desse sujeito se apresenta ali e o que se vai fazer com isso é a saída. E o que se vai fazer com isso não é assumir que se quer tocar fogo no filho. Ninguém quer isso, apenas que há um tanto de vida do sujeito que está ali ligada à vida do filho. É uma matriz.

¹ Boa parte do que desenvolvo neste encontro é efeito do trabalho do colóquio "Figuras Lacanianas da Crueldade", realizado em maio de 2010, pela EBP-Rio e pelo ICP-RJ. O ponto de partida na ambivalência tomo emprestado de Ram Mandil a quem agradeço. Agradeço ainda a retomada da relação entre ódio e erro ali realizada por Rodrigo Lyra.

² Freud, S. [1915] "A pulsão e seus destinos", vol XVI. *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (daqui por diante ESB), p. 160. Para a crítica por Lacan da ambivalência, cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 11* (1964), Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 120.

-
- ³ Já a nota de J. Strachey vai no sentido contrário. Cf. *Ibid*, p. 152.
- ⁴ *Ibid*, p. 161.
- ⁵ *Ibid*, p. 156.
- ⁶ Cf. quanto ao narcisismo e o “ego original”, Freud, S. *Ibid*, p. 157 e quanto ao ego total, p. 159.
- ⁷ Freud, S. *ESB*, vol. I, p. 368.
- ⁸ Lacan, J. [1973] “Televisão”, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 526. Cf. também, Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 183.
- ⁹ “O ego [original] ama somente a si próprio e é indiferente ao mundo externo”, Freud, S. *op. cit.* p. 157.
- ¹⁰ “Minha disposição é a mais pacífica. Os meus desejos são: uma humilde cabana com um teto de palha, mas boa cama, boa comida, o leite e a manteiga mais frescos, flores em minha janela e algumas belas árvores em frente de minha porta; e, se Deus quiser tornar completa minha felicidade, me concederá a alegria de ver seis ou sete de meus inimigos enforcados nessas árvores. Antes da morte deles, eu, tocado em meu coração, lhes perdoarei todo o mal que em vida me fizeram. Deve-se é verdade perdoar os inimigos – mas não antes de terem sido enforcados”. Citação é atribuída a Heine, em *Gedanken und Einfälle*, citado por Freud no *Mal-Estar da Civilização*. Freud, S. [1930]. “O Mal-Estar na Civilização”, *ESB*, vol. XXI, p. 132 (nota 1).
- ¹¹ Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 130 e *O Seminário, livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 23, cf. ainda Vieira, M. A. *op. cit.* p. 205.
- ¹² Lacan, J. *Escritos*, p. 40 e Vieira, M.A. *op. cit.* p. 206.
- ¹³ Lacan, J. [1948] “A agressividade em psicanálise”. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- ¹⁴ Lacan J. *O Seminário, livro 1*, p. 316.
- ¹⁵ Freud, S. [1925] “A negativa”, *ESB*, vol. XVI.
- ¹⁶ Lacan, J. *Op. cit.*, p. 316.
- ¹⁷ *Ibid*. Cf. tb. Miller, J. A. *La transferência negativa*, Barcelona, ECFB, 1999, p. 21. Vieira, M. A., *op. cit.* p. 173.
- ¹⁸ Lacan, J. *O Seminário, livro 11*, p. 120 e Miller, J. A. *op. cit.*, p. 15.
- ¹⁹ *Ibid*. p. 54.
- ²⁰ Lacan, J. *O Seminário, livro 5 (1957-1958)*. Rio de Janeiro, JZE, 1999, p. 411.
- ²¹ *Ibid*. p. 428.
- ²² *Ibid*, p. 430.
- ²³ Lacan, J. *O Seminário, livro 5 (1957-1958)*, p. 424.
- ²⁴ Miller, J. A. *op. cit.*, p. 65.
- ²⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro 11 (1964)*, p. 59.